

CHICO SEM CENSURA!



“Não sou melhor do que ninguém em nada. Gosto de questionar todas as coisas.”

Numa tarde fria — coisa rara do começo de dezembro — de botas, calças bege e camisa de flores miúdas, um homem de 34 anos, signo de Gêmeos, compositor, cantor, autor de livros e peças teatrais, confessa que tem medo de envelhecer e que não aceita ser usado a serviço de certas engrenagens. Seus olhos são muito grandes e verdes. Não chega a ser bonito. Também não é muito alto. Carismático ou não ele carrega um clima de desproteção que na realidade não tem. Ao contrário, é seguro, objetivo, direto e lúcido. Sabe o que quer. Diz o que sabe e pensa. Pensa no ser, na vida, no amor. Pensa no Homem. Mas não pensa muito em si mesmo. Tímido? Só em público. Cantar? “É uma coisa difícil, mas falar é pior!” Ao mesmo tempo em que, depois de dois anos, lança mais um disco, que chama de “retrospectivo”, ele cancela o depoimento que gravara para o Especial de Milton Nascimento na Globo. Intransigência? Não. Apenas um homem que diz que não gosta de ser usado a serviço de uma estrutura que alguns chamam de “máquina” e outros de “esquema”. Quem é? Chico Buarque de Holanda, claro!

— Por que demorou tanto para lançar o novo disco? Meus Caros Amigos, o último, é de fins de 76, não é?

— É. No ano passado eu fiquei voltado inteiramente para a peça. Fora isso, algumas músicas que fiz e gravei no disco do Francis Hime, num compacto do Milton Nascimento. No fim, não sobrou tempo para eu dedicar a um disco normal. Esse negócio de gravar todo ano é um tempo ideal para a gravadora. Mas não posso ficar escravo desse tempo. Só do meu...

— Fala do novo disco.

— Olha, ele tem um aspecto assim... até certo ponto retrospectivo. Incluí músicas compostas há oito anos: Cálice, Apesar de você, Tanto mar. Por outro lado, ele tem umas oito músicas que representam o meu trabalho atual, três músicas da peça... Eu não tinha que lançar um disco de qualquer maneira... e se fosse cumprir teria que ter gravado um no ano passado. Na verdade, quando resolvi, gravei o que tava aí. E essa não é uma característica desse disco. Quase todos são assim. E tem mais. Na hora que decido que dá pé gravar um disco, esse disco não está pronto. Nem repertório. É, à medida que vou entrando no estúdio que vou

me motivando a gravar músicas novas e ganho uma certa disciplina. Nesse disco tem uma que eu fiz lá no estúdio — Até o fim. Meus discos são gravados em clima de curtição. Sempre.

— Tirar o bigode foi uma tentativa de nova imagem?

— Não. Apenas enjoei dele. Não pensei em imagem. Na verdade, só pensei nas minhas filhas no dia seguinte. Levaram um susto danado mas depois se acostumaram.

— O que você acha do Chico Buarque cantor?

— Acho que de tanto insistir, ele tá aprendendo. Nesse disco tem uma faixa que eu até gosto de me ouvir. É Trocando em Miúdos. Sabe, era uma música já muito gravada e eu quis ser diferente. Mas, só sendo um cantor mesmo. Gosto. De maneira geral, esse disco é um progresso como cantor, principalmente em relação aos outros. Pelo menos, o mais significativo. Curti.

— Por que você canta?

— Ora, porque gosto. Sempre cantei. Sabe que mais? Desde garoto

queria ser cantor de rádio e cantava atrás da porta...

— Numa entrevista, você dizia que o compositor revolucionário é o que se renova. Dentro desse conceito você se considera um revolucionário?

— Considero sim. Na medida que a repetição não me satisfaz, independente da tentativa das canções. Revolucionário, sempre que faço um disco novo!

— O ditado popular diz que atrás de um grande homem existe sempre uma grande mulher. É o seu caso?

— Não sei. Por que você não pergunta a ela? Afinal, não vim aqui para falar dela. Vim para falar de mim. Agora, evidente que se eu fico com ela é porque tá tudo bem. Mas não faço propaganda dela não!

— Depois de tudo que você disse da TV Globo, participar do Especial do Milton na emissora não seria uma incoerência?

— Não vou participar. Vou só dar um depoimento sobre o meu primeiro encontro com Milton Nascimento. Pelo menos foi isso que o Fernando Faro me pediu. Apenas uma entrevista como essa que estou dando à AMIGA. Mas, estão dizendo por aí que vou participar. Você vê, qualquer dedinho que a gente ceda e já montam em cima. Recusar responder a uma pergunta parecia uma intransigência meio boçal! Mas, se for para ser usado em nome da Globo, aí vou ter que dar razão a essa intransigência!

— Liberar velhas músicas censuradas em ano de eleição. O que você acha?

— A liberação dessas músicas não paga, de jeito nenhum, o prejuízo que já foi causado pela proibição. O fato de tá lançando agora uma música que deveria ter seguido seu caminho normal há oito anos atrás, não me gratifica. Mas, gravando ou não gravando, a liberação dessas músicas, sem dúvida, cumpriu a finalidade política que tinha por trás.

— Dizem que intelectual não vai à praia. Intelectual bebe. Você?

— Eu? Ora, bebo na praia!

— Você abandonou o samba romântico? O rótulo de compositor político foi a causa?

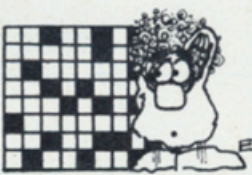
— Não. Esse rótulo não fui eu que criei. Acho até impertinente. Continuo compondo em cima dos mais variados temas. Esse disco, aliás, e me parece que todos têm tido, tem músicas simplesmente românticas. Mas tem também problemas sociais. Não é verdade que abandonei o samba romântico e não gosto que digam isso.

— Burguês de nascimento e de vida, como você conseguiu retratar tão bem o operário, a classe pobre brasileira?

— Acredito que seja um burguês de vida, como você disse. De nascimento, eu discuto. Mas não vivi confinado aos meios burgueses. Olha, a imaginação, o sentimento e a preocupação com o próximo permitem ao artista retratar vidas e personagens que nada têm a ver com ele. Se não, não poderia, sendo homem, compor uma série de músicas no feminino, como tenho composto.

— Você se julga uma autoridade em termos de MPB?

— Não sou melhor do que ninguém nem autoridade em nada. Gosto de questionar todas as matérias, inclusive as que me dizem respeito. Mas sei que sou bom compositor. Faço parte da MPB. E isso me orgulha muito! Só. E olha que não é pouca coisa não! A MPB está entre as melhores do mundo.



SYLVIO ALVES

★ **HORIZONTAIS:** 1. (Antônio...) Cantor. 7/16. Atriz de Sinal de Alerta. 12. Abrandavam; diminuíam de intensidade. 14. Abrev. de dicionário. 17. Cantora de Paralelas. 19. Prep.: lugar. 20. Homem medroso. 21. Cometa erro em. 23. Abrev. de Algebras. 24. Membro da ave. 25. Dei latidos. 26. (...Selixas) Cantor. 28. Sufixo: força, qualidade. 30. Terceira nota musical. 31. A acusada em juízo. 32. Ligar com cimento. 35. Praias; areais. 36. Colocar. 39. Símbolo do lutécio. 40. Defeito físico ou moral. 41. Luta; peleja. 44. Mau; perverso. 45. Caminhava. 46. Porção de água do mar que se eleva. 47. Adv. Um tanto. 48. (Teresa...) Nome do papel de Araci Balabanian, em Pecado Rasgado. 51. Recifes de coral, pl. prep. Em companhia de. 53. Possuída de raiva; furiosa. 55. Laço apertado. 56. Separa; torna solitário. 57. Farias a soma de.

★ **VERTICAIS:** 1/41. Ator de novela de TV. 2. Aranha amazônica. 3/32. Cantor de Amigo. 4. Queimei, incinerei (cadáveres). 5. Indivíduo dos Otis, índios que habitavam a região situada entre os rios Paranapanema e Peixe. 6. Ente. 7. Dois (em alg. romanos). 8. (Elisabete...) Atriz de novela de TV. 9. Angústias; dores. 10. Instrui; ensina. 11. Que não tem aspezeas, fem., pl. 13. Símbolo do cobalto. 15. Moradia. 18. Símbolo do níquel. 20. Papel de Susana Vieira em A Sucessora. 22. Chefe etíope. 27. Estudiar. 29. Zombar. 30. A lista dos pratos. 33. (Luís...)



Cantor. 34. Variação do pronome tu. 36. (...Gracindo) O Tião, de Sinal de Alerta. 37. Causa; motiva. 38. Que tem abundância de ramos, pl. 40. Cuidar de. 42. Pouco comuns. 43. Prefixo: dentro de. 46A. Erva-doce. 49. íntimo. 50. O pai do pai. 51. Parte do avião. 54. Rio da Sibéria.

RESPOSTA DO NÚMERO ANTERIOR

★ **HORIZ.:** An, DORINHA, ROGERIO, or, NEUSA, nora, eliminar, caba, gá, apitar, amai, Sá, alô, ré, param, formariam, bá, GAL, ar, AMARAL, HUGO, araras, agia, DUVAL, suam, ama, horas, ino, aá, ocará, BETE, FÁRIA, asaria, ais. ★ **VERT.:** Arnesar, Noel, desmaiar, orai, ri, IONÁ, hor, ARACI, guilga, oras, atar, BALABANIAN, aromal, papam, mofa, amada, olhava, MAGALHÃES, aros, ia, geada, ura, rum, guaiara, amoras, roer, AC, safa, aba, rá, tá, il.

GRÁTIS NOVAS FOTOS COLORIDAS

Escreva para revista
AMIGA, Rua do Russell n.º
804 — 7.º andar — RJ.



ANTÔNIO MARCOS
PEPITA RODRIGUES
RONNIE VON
EVA VILMA & CARLOS ZARA
TÔNÍ CORREIA
NORMA BLUM
JOÃO CARLOS BARROSO
LUÍS ARMANDO
MARIA ISABEL DE LISANDRA
EDNEI GIOVENAZZI
TARCÍSIO MEIRA
NUNO LEAL MAIA
ÊNIO GONÇALVES
MÁRIO GOMES
MÁRIO CARDOSO
CHICO ANÍSIO
FERRUGEM
LUCÉLIA SANTOS
EDWIN LUISI

MARIA DELLA COSTA
TÔNÍ RAMOS &
ELAINE CRISTINA
ELIANA PITTMAN
SANDRA BARSOTTI
MARIA BETÂNIA
REGINA DUARTE
MÁRCIO GREICK
FRANCISCO CUOCO
MARCOS PAULO
BETE FÁRIA
BETE MENDES
NEI LATORRACA
ODAIR JOSÉ
VALMOR CHAGAS
EMÍLIA
ROSANA GARCIA
JULIO CÉSAR
RICARDO BLAT

ROBERTO CARLOS
NÍVEA MARIA
RENÉE DE VIELMOND
SUSANA VIEIRA
LAURO GÓIS
MORRIS ALBERT
BENITO DI PAULA
DÊNIS CARVALHO
PAULO GRACINDO
HAROLDO DE ANDRADE
BETE SAVALA &
MARCELO PICCHI
ARACI BALABANIAN
STEPHAN NERCESSIAN
ROBERTO PIRILO
DJENANE MACHADO
CAPITÃO AZA
SIDNEY MAGAL
CARLOS ALBERTO RICELLI

FOTO COLORIDA GRÁTIS



Quero receber a
Foto colorida de

Meu nome é

Endereço

Cidade Estado

IMPORTANTE/ MANDO JUNTO ENVELOPE SELADO COM Cr\$ 5,20
COM MEU ENDEREÇO COMPLETO JÁ SOBRESCRITO

"Liberdade é a coisa mais importante para a música"

— E música. Pra você o que significa?

— Antes de tudo, ela significa alguns momentos de prazer muito intensos. Agora, depois de 12 anos, representa profissão, emprego mais ou menos estável. Atualmente vivo de direitos autorais de música e de teatro.

— Normalmente, suas músicas são distribuídas para um pequeno grupo, que parece fechado: Bethânia, Miúcha, Milton, Simone. Por quê?

— Sabe o que é, eu não sou um compositor muito fecundo. Se faço dez músicas por ano, é muito. É claro que reservo algumas para mim, meu disco. As outras, vou cedendo a quem me pede. E quem me pede são as pessoas de minhas relações, com que tenho alguma afinidade. É só isso.

— E por que, em termos de música brasileira, você só considera bons os trabalhos desse mesmo grupo?

— Para falar a verdade, não ouço muita música. Então, há uma série de artistas que estão aí e eu não prestei atenção neles ainda. Sei lá. Parece que as pessoas imaginam que ser um compositor é passar o tempo em casa ouvindo música. No meu caso, isso é inteiramente falso. A música são momentos breves. Faço. Depois de pronta não fico tocando... Isso só acontece quando tenho um trabalho que me exige mais disciplina ou rotina de escritório, escrever para teatro, a Ópera do Malandro, por exemplo, me consumiu um ano. Agora, sinceramente, não é nada preconcebido.

— E a Ópera?

— Gostei. Gosto. Estou contente. O público tá indo. Acho ótimo.



"No meu trabalho, nada é preconcebido. Se faço dez músicas por ano, é muito."

— A Censura atuando sempre em sua obra se transforma, na ocasião do lançamento do disco, numa forma de maior faturamento para você ou para a gravadora?

— Não. Apenas mais assunto para entrevistas. E o mais mutilado de todos foi talvez o que tenha vendido menos: Calabar. O título foi proibido, a capa também. Algumas músicas sem letra, algumas letras pela metade, enfim, metade do disco incompleto. E não foi um sucesso comercial!

— E o que você sente diante de tanta mutilação da Censura?

— Sinto indignação, como sentimento, mas acho que aí não é questão de sentimento. Posterior à indignação, uma tentativa de usar uma série de expedientes para burlar a Censura.

— Criatividade?

— É. Mas uma criatividade extramusical.

— Por exemplo?

— Ah, e você acha que vou contar meus truques? O único que ficou notório foi o uso de pseudônimo. Com pseudônimo passou muita coisa.

— Qual?

— Julinho da Adelaide foi um. Ganhou vida própria e acabou virando, heterônimo, de tanto que foi usado. E hoje, ele faz algumas músicas e usa o meu nome como pseudônimo!

— O que foi e o que é importante na sua vida?

— Tudo. Não consigo situar fatos nem fases. O que acho mais importante é que nesse tempo todo eu amadureci e espero não ter envelhecido...

— E para a música, o que acha importante agora?

— A liberdade. Não consigo separar a música do resto... porque não existe o resto. E friso isso porque se por um lado deu-se a liberação de velhas músicas, no campo do teatro a Censura continua tão rigorosa quanto antes.

— Quem foi sua maior influência?

— Mais que todos, João Gilberto. Foi ouvindo João que eu comeci a pegar no violão e me propus a compor seriamente.

— E Milton?

— Milton é mais recente. Depois da Bossa Nova, ele é o que há de mais original como compositor e, sem dúvida, a voz mais bonita que tem por aí.

— E Chico Buarque, quem é?

— Olha, eu não faço análise e não gosto de ficar debruçado sobre mim mesmo. Acho que valho pelo que faço. Na hora que eu descobrir quem sou, acaba o mistério e eu deixo de compor! Sou angustiado. Não sou tímido. Fico tímido só em público. Não tenho facilidade para ser natural na frente de muita gente. Cantar é difícil. Falar é pior. Sou de Gêmeos. Acredito no Homem. Não sou supersticioso. Nem religioso, nem místico. Gosto de viajar. Amor e amizade são inerentes ao ser. Gosto de figo. E não sou ligado às artes visuais. Assim está bom?